

Francisco de Oliveira  
Pascal Thiery  
Raquel Vilaça  
Coordenação

*M*ar  
Greco-Latino

## OCEANO E TÉTIS NOS POEMAS HOMÉRICOS E NA OBRA DE HESÍODO

José Ribeiro Ferreira

(Universidade de Coimbra)

O mar entre os Gregos, ou melhor, os diversos enfoques e visões do mar é tema vasto que, com dificuldade, se torna compatível com uma palestra de vinte a trinta minutos. Limitar-me-ei, por isso, a um percurso rápido sobre duas entidades divinas relacionadas com aspectos significativos do que hoje designamos por mar: Oceano e Tétis. Vou privilegiar os Poemas Homéricos e a obra de Hesíodo, os mais antigos textos literários chegados até nós (talvez do séc. VIII ou inícios do VII a. C.)<sup>(1)</sup>. Aí encontramos as primeiras visões, descrições e referências ao mar, quer em epítetos, quer em símiles, quer em descrições, quer pela nomeação de figuras divinas que o simbolizam ou aludem a aspectos seus.

Parece-me via frutífera, e digna de realce, para a compreensão do mar em Homero, a análise da divinização ou personificação em divindades de características do mar ou aspectos com ele relacionados. Nos Poemas Homéricos, Poséidon é o deus dos tremores de terra, «o que abala a terra», mas é também, e sobretudo – e assim será no futuro – o deus do mar. E nessa qualidade vemo-lo a intervir variadas vezes, quer perseguindo os heróis, quer

---

<sup>(1)</sup> Vide M.H.Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica I – Cultura Grega* (Lisboa, 2003), p. 155 e nota 1.

ajudando-os. No entanto, se Poséidon é o deus que tem a seu cuidado o domínio do mar, Oceano e Tétis – não a Nereide mãe de Aquiles (em grego *Thétis*), mas a Titânide *Tethys*, filha de Gaia e Urano que Hesíodo também refere na *Teogonia* (244 e 1006), que casa com Peleu – simbolizam também aspectos diversos do mar. Por exemplo, no Canto XIV da *Iliada* (vv. 198 sqq.), Oceano aparece como a origem de todos os deuses e criaturas, e Tétis a mãe de todos os seus filhos. O passo, que traduzo a seguir, insere-se no famoso episódio em que Hera, para seduzir Zeus, vai ter com Afrodite e lhe pede o amor e o desejo, alegando, no entanto, que pretende congregar Oceano e Tétis que há tempos já viviam separados (14. 198-204):

Dá-me agora o amor e o desejo com que tu a todos  
 subjugas, tanto os imortais, como os homens mortais.  
 É que vou visitar, nos confins da terra fecunda,  
 Oceano, gênese dos deuses, e a mãe Tétis,  
 que em suas moradas me criaram bem e me estimaram,  
 recebendo-me das mãos de Reia, quando Zeus de voz potente  
 precipitou Cronos sob a terra e sob o mar estéril.  
 Vou visitá-los, para ver se ponho fim às suas indecisas querelas.

Mais adiante, quando Hera vai ter com Hipnos, o Sono, a solicitar-lhe que adormeça Zeus, especifica de novo, na resposta, que o rio Oceano é «a origem de todas as coisas» (v. 247). Chamo a atenção para o facto de, nos versos citados, Oceano e Tétis habitarem «nos confins da terra fecunda», ou seja, rodearem-na, e para a ocorrência de uma fórmula, constituída pelo nome do mar e seu epíteto: e. g. *atrygétioio thalásses* “mar estéril” (v. 203).

A *Iliada*, no entanto, fala também de Oceano como origem do mar (*thalassa*, v. 195), se bem que o verso 195, desde Zenódoto, tem levantado dúvidas que me parecem indevidas<sup>(2)</sup>. Os versos da *Iliada* dizem mais

<sup>(2)</sup> N. Richardson, *The Iliad: A Commentary* VI – Books 21-24 (Cambridge, 1993), p. 69 ad l. 195.

precisamente que do Oceano de fundas correntes «todos os rios procedem e todo o mar, / todas as fontes e todas as nascentes profundas» (vv. 195-197)<sup>(3)</sup>.

Outro passo da *Ilíada*, talvez mais complexo do que o anterior, tem interesse para o nosso objectivo, por aí aparecer também a distinção entre o mar como extensão líquida de água e o Oceano. Refiro-me à famosa écfrasis do "Escudo de Aquiles", no Canto 18 do referido poema. Descreve deste modo a primeira das cinco camadas que constituem o escudo (vv. 483-489):

Forjou lá a terra, o céu e o mar,  
o sol infatigável e a lua na plenitude,  
485 e ainda quantos astros coroam o céu,  
as Pléiades e as Híades, e a força de Orion,  
e a Ursa, conhecida igualmente pelo nome de Carro,  
que gira no mesmo lugar e espreita para o Orion,  
e é a única a quem não coube tomar banho no Oceano<sup>(4)</sup>.

Seguem-se depois as outras quatro que incluem cenas de uma cidade em paz e de uma cidade em guerra; cenas de lavra, de ceifa, de vindima e de pastoreio (ou seja as quatro estações do ano representadas pelas suas actividades mais significativas de cada uma); cenas de divertimento. E, a envolver todo este conjunto, encontrava-se o grande «rio Oceano na cercadura extrema de escudo tão bem lavrado» (18. 607-608).

Gostaria de chamar a atenção para o facto de aqui Oceano ser uma divindade que se distingue do mar (*thálassa*) e de acentuar a importância da descrição, já que – além de expressar conhecimentos astronómicos que omito<sup>(5)</sup> – parece dar-nos uma ideia da representação do mundo no tempo de

<sup>(3)</sup> Vide A. Lesky, *Thalatta* (Vienna, 1947), pp. 81-82.

<sup>(4)</sup> Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, 1995), p. 34.

<sup>(5)</sup> Por exemplo, o céu que cobre a terra e é coroado de astros; o sol infatigável e a lua cheia. Nomeia, além disso, várias constelações como as Pléiades, as Híades, Orion, a Ursa Maior.

Homero, pensar que a Terra, cuja forma se não especifica, é plana e rodeada por Oceano, o rio Oceano. Esta visão de Oceano como deus que envolve todo o Universo é a mais corrente em Homero.

É altura de convocarmos o testemunho de Hesíodo, já que nele o mar adquire grande importância na *Teogonia* e tem ligeiro afloramento nos *Trabalhos e Dias*, além de aparecer também, ou diversos aspectos seus, representado através de diferentes divindades e nos epítetos.

Nos *Trabalhos e Dias*, o mar surge apenas como o local em que se realiza a navegação e o comércio marítimo (vv. 618-694), de que Hesíodo não tem grande conhecimento e pelo qual não manifesta predileção, pois a cada passo provoca a ruína de quem se lhe entrega, como aconteceu ao próprio pai. É porém na *Teogonia* que o mar adquire grande significado através da descendência de Pontos e de Oceano e Tétis. Começo por sublinhar tratar-se de um poema que vê deuses em tudo o que se lhe apresenta como vivo na natureza, que acredita nos poderes divinos que descreve<sup>(6)</sup>. É como se assistíssemos afinal a uma individualização e personificação sucessiva dos elementos, dos fenómenos e forças da natureza, dos acidentes físicos da Terra até nos encontrarmos na presença de deuses. E duas linhagens de divindades se vão separando e distinguindo: uma, que agrupa o que há de negativo, sombrio, maléfico, violento, encontra-se personificada na descendência da Noite e do Érebo; a outra — simbolizada nos mitos de Urano, Cronos, Zeus — caminha no sentido da ordem e da justiça, eliminando e separando com o tempo o que é temível e negativo. É precisamente decisivo para a continuidade de Zeus esse estabelecimento da ordem e da justiça, essa distribuição de competências pelos vários deuses. Assim, na opinião de Hesíodo, Urano e Cronos foram derrotados como castigo da sua violência e

---

Observa que todas elas mergulham no mar, com excepção da Ursa, «a única a quem não coube tomar banho no Oceano».

<sup>(6)</sup> *A descoberta do espírito* (trad. port., Lisboa, 1992), p.72.

injustiça, enquanto Zeus se mostrou justo desde o começo e por isso o seu reinado foi duradouro.

Em outra observação pretendo sublinhar que estas primeiras divindades, bem como as de gerações subsequentes, se são seres divinos, aparecem ao mesmo tempo como forças elementares, fenômenos ou acidentes da natureza, característica naturalista que muitas delas continuarão a manter ao longo dos tempos. Entre esses seres especifico Ponto, Mar, Oceano, Tétis. Embora a descendência de Ponto fosse interessante de seguir, por elucidativa e famosa devido aos monstros que produziu, deixo-a para próxima oportunidade e atendo-me aqui apenas a Oceano e Tétis – de novo a titânide e não a Nereide Tétis.

Oceano, rio que em si mesmo acaba (*Teogonia* 242) – cujo nome primitivo pode ter sido Ogenos, não grego e anterior aos Gregos –, não é uma entidade geográfica, mas uma força cósmica que personifica a água que rodeava o Mundo, sobre a qual flutuava a Terra habitada – na época arcaica grega pensada como uma espécie de grande ilha no meio de um rio que a envolvia por inteiro<sup>(7)</sup>. Era assim a água primordial de que nasciam ou eram alimentados os rios e fontes<sup>(8)</sup>. Distinguia-se do mar, embora mais tarde venha com ele a identificar-se.

A titânide Tétis, por seu lado, simboliza a potência feminina do Mar, embora só mais tarde com ele apareça identificada – possivelmente pela

---

<sup>(7)</sup> Esta concepção aparece logo na *Iliada*, na bem conhecida écfrasis do “Escudo de Aquiles” (18. 478-608), que nos dá uma descrição do mundo conhecido de então — astros, mar; a cidade em paz, com cenas de casamento e julgamento; a cidade em guerra, com cenas de combate e de cerco a uma cidade; cenas agrícolas, a simbolizar as quatro estações do ano, como lavra, ceifa, vindima e pastoreio; cenas de divertimentos, como danças, recitações e acrobacias. E, ao terminar a descrição, diz o poeta que, a envolver todas essas cenas que simbolizam o Mundo, o deus Hefestos «modelou ainda a grande força do rio Oceano / na cercadura extrema de escudo tão bem lavrado» (vv. 607-608). Vide A. Lesky, *Thalatta*, p. 64.

<sup>(8)</sup> Cf., *Iliada* 21. 195-197. Hesíodo, *Teogonia* 337-345 dá os rios como filhos de Oceano e Tétis, os dois símbolos das águas primordiais, e enumera os principais rios conhecidos então e pela seguinte ordem: Nilo, Alfeu, Eridano, Estrímon, Meandro, Istro, Fásis, Reso, Aquelóo, Nessos, Ródio, Haliácmon, Heptáporos, Granico, Esepos, Simoente, Penéion, Hermo, Caico, Sangário, Ládon, Parténio, Eveno, Ardesco, Ersxcamandro.

primeira vez em Lícfron, *Alexandra* 1069. Mas em Hesíodo – ela que no Canto 14 da *Iliada* é a mãe dos deuses (vv. 200-207) – parece ser apenas a mulher de Oceano<sup>(9)</sup>. Destes dois deuses primordiais (vv. 337-370) nasceram os inúmeros Rios turbulentos e que correm ruidosamente (vv. 337 e 366), as incontáveis fontes e as muitas «Oceânides de belos tornozelos» (v. 364): Hesíodo, embora especifique apenas um pequeno número, tanto dos primeiros, como das segundas, refere expressamente que ascendem a três mil nos seguintes versos (364-370):

..... São três mil as Oceânides de belos tornozelos  
 que, em locais diversos, vigiam a terra e as profundezas marinhas,  
 por igual filhas divinas e luminosas.  
 Outros tantos são também os rios que correm ruidosamente,  
 filhos do Oceano, que nasceram da augusta Tétis.

A *Teogonia* – quase poderíamos afirmar – praticamente mais não nos dá do que genealogias dos deuses, de modo que durante largos passos temos apenas séries de nomes. Como exemplos mais significativos refiro os Catálogos das Musas (vv.77 sg.), das Nereidas (vv.240 sg.) e das Oceânides (vv. 346 sqq) — respectivamente as filhas de Nereu e Dóris ou Dádiva e de Oceano e Tétis, cujos nomes Têm a cada passo ligações com o mar e com actividades marítimas<sup>(10)</sup>. Os dois últimos catálogos são praticamente constituídos apenas por uma sucessão de cinquenta e quarenta nomes próprios, respectivamente, a que uma por outra vez se junta um epíteto e pouco mais<sup>(11)</sup>. E através deles temos afinal uma representação mítica das diversas actividades que se realizavam no mar, das muitas formas e variados aspectos que toma e com que se apresenta.

<sup>(9)</sup> Vide M.L.West, *Hesiod, Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), ad. l. 136.

<sup>(10)</sup> Vide M. L. West, *Hesiod: Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), p. 260.

<sup>(11)</sup> Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.67.

No fundo, em Homero e em Hesíodo, o rio Oceano é a fonte de toda a água doce (cf. *Iliada* 21. 194-197), dado que, como observam Kirk-Raven-Schofield, a água é necessária à vida que, portanto, deve ou pode derivar directa ou indirectamente de Oceano<sup>(12)</sup>.

Aliás era comum entre os Gregos, desde os mais remotos tempos, a ideia de que os fenómenos atmosféricos, os acidentes e elementos da natureza eram deuses. Oceano era uma dessas divindades e imaginavam-no como um rio que rodeava a Terra. Essa visão está implícita, por exemplo, nos atributos que, desde os Poemas Homéricos e Hesíodo, e depois em textos posteriores. Dou um exemplo bem explícito desta visão mítica do universo, que vou buscar a Mimnermo, um poeta dos fins do século VII inícios do VI a. C. Explica ele deste modo alternância dos dias e das noites (fr. 12 West):

Ao Sol coube em sorte trabalhar todo o dia,  
sem ter descanso algum,  
para ele ou para os cavalos, desde que a Aurora de dedos róseos  
abandona o Oceano, para subir ao Céu.

5      Leva-o através das ondas o leito côncavo  
e encantador, forjado, pelas mãos de Hefestos,  
ornado de ouro, e alado; vai célere, a dormir sobre as águas,  
desde as Hespérides à terra dos Etíopes,  
onde estão o carro veloz e os cavalos,

10     até chegar a Aurora, filha da manhã.  
Então sobe para o seu carro o filho de Hipérion<sup>(13)</sup>.

Este texto é muito significativo, porque inúmeras divindades relacionadas com fenómenos naturais: de novo o Oceano nos surge como um rio

<sup>(12)</sup> *Os Filósofos Pré-socráticos* (trad. Port. Lisboa, <sup>4</sup>1994), pp. 4 sqq.

<sup>(13)</sup> Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, <sup>6</sup>1995), pp. 101-102. O exemplo de Mimnermo não é único evidentemente, Cf. e. g. Estesícoro, fr. 8 Page.

que bordeja e envolve a terra. Segundo este poema de Mimnermo, o Sol, o deus Hélios – filho do Titã Hipérion e da Titânide Teia, é irmão de Selene (a Lua) e de Eos (a Aurora de dedos róseos, filha da manhã), outra das divindades referidas – sobe no oriente para o carro puxado por cavalos alados, logo que a manhã avermelha (ou seja logo que surge a Aurora de dedos róseos), percorre todo o céu durante o dia e, à tardinha, chega às margens do Oceano. Aí entra para uma barca dourada (é essa a impressão de quem observa o sol quando mergulha no mar), o leito côncavo que o leva sobre as ondas até ao oriente, à terra dos Etíopes, onde de novo sobe para o carro veloz, para refazer mais uma vez todo o referido percurso. Assim se explica miticamente a alternância dos dias e das noites.